**CÉU FLUMINENSE**

Chamas-me a ver os céus de outros países,

Também claros, azuis ou de ígneas cores,

Mas não violentos, não abrasadores

Como este, bárbaro e implacável, — dizes.

O Céu que ofendes e de que maldizes,

Basta-me entanto: amo-o com os seus fulgores,

Amam-no poetas, amam-no pintores,

Os que vivem do sonho, e os infelizes.

Desde a infância, as mãos postas, ajoelhado,

Rezando ao pé de minha mãe, que o vejo:

Segue-me sempre... E ora da vida ao fim,

Em vindo o último sono, é meu desejo

Tê-lo sereno assim, todo estrelado,

Ou todo sol, aberto sobre mim.